



# USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Folha de S. Paulo

Data: 28/08/2014

Caderno/Link: Cotidiano / C3

Assunto: Com 94 dias, greve já é a mais longa da USP

## UNIVERSIDADE EM CRISE

# Com 94 dias, greve já é a mais longa da USP

Paralisação de professores e funcionários, iniciada em maio, tem afetado licitações e processos administrativos

**Impacto no ensino e nos serviços varia de acordo com a unidade; para reitor, prejuízo financeiro é 'intangível'**

THAIS BILENKY  
DE SÃO PAULO

A greve de funcionários e professores da USP, que completa seu 94º dia nesta sexta-feira (29), é a mais longa da história da universidade.

De acordo com o Sintusp (sindicato dos funcionários), 9.000 dos 17,4 mil servidores (51%) aderiram à paralisação — o maior número registrado. A reitoria afirma que cerca de 10% ou quase 2.000 funcionários estão parados.

O movimento de maior duração na USP foi a ocupação da reitoria entre 2011 e 2012, quando alunos ficaram quatro meses sem ir às aulas.

Ao longo da semana, a **Folha** esteve na Cidade Universitária e constatou que, na Faculdade de Educação e na FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas), a paralisação é quase total (veja nesta página).

Não há aulas, as bibliotecas estão fechadas e os poucos funcionários em atividade trabalham a portas fechadas — só atendem urgências.

O prédio da reitoria e da administração central está vazio. Na quinta (29), a reportagem encontrou apenas um funcionário, além de seguranças e terceirizados. Segundo a reitoria, os demais têm trabalhado em casa.

O reitor, Marco Antonio Zago, trabalha há cerca de cinco semanas numa sala improvisada no prédio da Fuvest (órgão responsável pelo vestibular). Ele tem peregrinado por unidades para reuniões.

Zago disse que funcionários da administração central que tentaram despachar de outros prédios foram contrariados e ameaçados por grevistas. O Sintusp nega.

Licitações estão suspensas, como a destinada à aquisição de bombas de ventilação para a USP Leste. A construção do prédio administrativo na rua da Consolação está parada, segundo o superintendente de Espaço Físico da USP, Osvaldo Nakao.

O processo burocrático está atrasado, já que grande parte da documentação é impressa e não pode sair da administração central.

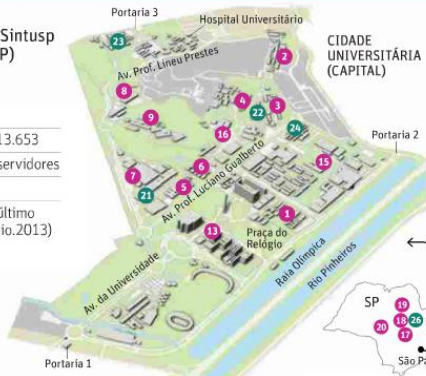
Para Zago, os prejuízos causados pela paralisação são "intangíveis". "[A greve] Passa a ideia de que a USP é um local complicado, onde há conflitos, em que as pessoas não se entendem. Me preocupa perder parte do apoio da população."

### GREVE NA USP

Detalhes da paralisação, segundo o Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP)

Início das paralisações	27.mai
Piso salarial	Entre R\$ 1.592 e R\$ 13.653
Reajuste pedido	9,78% para todos os servidores
Reajuste oferecido	0%
Inflação	7,2% (IPCA, desde o último reajuste, em 1º de maio.2013)

**94 dias em greve** **9.000** funcionários, ou 51% dos servidores administrativos da USP, aderiram à paralisação, segundo Sintusp



### MAPA DA ADESAO, SEGUNDO O SINTUSP

#### ADERIRAM

- São Paulo
  - 1 Psicologia
  - 2 Prefeitura do Campus
  - 3 IEE
  - 4 Física
  - 5 FFLCH
  - 6 Geociências
  - 7 Química
  - 8 ICB
  - 9 Biociências
  - 10 Saúde Pública\*
  - 11 Enfermagem\*
  - 12 Direito\*
  - 13 Administração Central
  - 14 Restaurantes
  - 15 Poli
  - 16 Oceanografia

- Campi no interior
  - 17 Piracicaba
  - 18 São Carlos
  - 19 Ribeirão Preto
  - 20 Bauru

#### NÃO ADERIRAM

- São Paulo
  - 21 Farmácia
  - 22 IAG
  - 23 Veterinária
  - 24 DTI
  - 25 Medicina\*

- Campus no interior
  - 26 Pirassununga

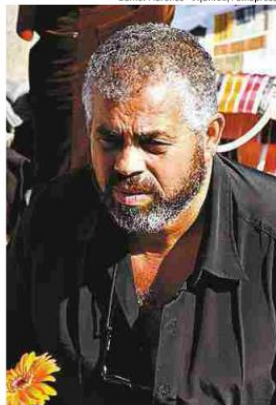
\*Unidades localizadas fora da Cidade Universitária

Luiz Carlos Murauskas - 15.jun.10/Folhapress



Carvalho, que está na USP desde 1977

Daniel Marcano - 9.jun.10/Folhapress



Brandão, que é pago pelo Sintusp

Lucas Rodrigues - 30.ago.13/UOL



Neli, que está no Conselho Universitário

## Metodologia de ranking Folha é tema de seminário

DE SÃO PAULO

A **Folha** promove na terça-feira (2), às 9h30, um seminário sobre a metodologia do RUF (Ranking Universitário Folha), que avalia a qualidade das 192 universidades brasileiras e dos 40 cursos de graduação com mais ingressantes no país, como administração, direito e medicina.

O evento, gratuito, será realizado no auditório da **Folha** (al. Barão de Limeira, 425, 9º andar, Campos Eliseos, São Paulo). Para participar do seminário é necessário fazer inscrição prévia pelo e-mail [eventofolha@grupofolha.com.br](mailto:eventofolha@grupofolha.com.br) ou pelo telefone (11) 3224-3473 (somente em dias úteis). O número de vagas é limitado.

## Velha guarda está na linha de frente da paralisação

DE SÃO PAULO

Os três principais líderes sindicais da greve na USP têm cerca de duas décadas de militância na universidade.

Magno de Carvalho, 67, baiano de Salvador, técnico cinematografista da Escola de Comunicações e Artes, está na USP desde 1977.

Iniciou o sétimo mandato como diretor do Sintusp em 2014, atrasando em dois anos a aposentadoria. Com salário de R\$ 6.300, é liberado da função para atuar no sindicato.

Esteve duas vezes em Cuba, uma em Barcelona (2000), uma em Paris (2012) e uma em Chicago (2014), em encontros sobre o que chama de "novo sindicalismo", segundo ele, mais combativo.

Carvalho militou no extinto PRC (Partido Revolucionário Comunista) e no PT, mas se diz decepcionado. "Hoje eu voto nulo."

Para ele, "o problema de fundo da crise da USP é a so-

cidade capitalista". Suas inspirações são Karl Marx e Che Guevara. Foi casado duas vezes e tem quatro filhos.

Claudionor Brandão, 57, técnico em manutenção de refrigeração, entrou na USP em 1988 e foi demitido por justa causa em 2008. Acumulou processos judiciais, inquéritos, sindicâncias e acusações, as quais nega.

Ele atua no Sintusp e recebe cerca de R\$ 5.500 (ele não confirma o valor) do sindicato. Na greve, é responsável pelo microfone.

Na terça (26), depois de 11 horas de manifestação cuja palavra de ordem era "Boa tarde, reitor Zago, como vai? Aqui não tem arrego, vou tirar o seu sossego", Brandão admitiu: "Arreguei".

Neli Wada, 62, é representante dos funcionários no Conselho Universitário, órgão máximo da USP.

Assistente social no hospital de Bauru cuja gestão foi transferida ao governo do Es-

tado nesta semana, está liberada para exercício da atividade sindical. É diretora do Sintusp desde 1996, com um intervalo de um ano.

Neli acusa o reitor de discriminá-la por ser "mulher trabalhadora". "Muitos conselheiros me banalizam porque vou simples, me expresso dentro do meu linguajar."

Zago diz manter a ordem sem diferenciar os conselheiros. "Nem o conselho tolera discriminação."

Com três filhos, cinco netos e salário de R\$ 8.000, ela afirma estar "cansada de corpo", mas não da cabeça. (T.B.)